
MÚSICA

3 FEVEREIRO '07

JEAN-PAUL

POLETTI

& CHOEUR

DE SARTÈNE

Espectáculo integrado no ciclo 'Os Filhos de Abraão'

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 3 FEVEREIRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H20

Barítono Jean-Paul Poletti
Barítono Louis Tomei
Baixo Jean-Claude Trameni
Baixo Jacques Trameni
Tenor Sébastien Trameni
Tenor Jean-Louis Blaineau
Tenor Stephane Paganelli

PROGRAMA

- 1 · *E Muntagne D'Orezza* TRADICIONAL
- 2 · *Miserere Nostri Domine* J. P. POLETTI
- 3 · *Leggenda* J. P. POLETTI
- 4 · *Credo* J. P. POLETTI
- 5 · *Ut Qui Deus Repulisti* J. P. POLETTI
- 6 · *A Violetta* TRADICIONAL
- 7 · *A Divinia Comedia* DANTE, TRADICIONAL
- 8 · *A Rota* J. P. POLETTI
- 9 · *Ave Maria* J. P. POLETTI
- 10 · *Litanie Antiche* J. P. POLETTI
- 11 · *O Santissima Anima* P. B. FARINELLI
- 12 · *Voce Meam Ad Dominum* P. B. FARINELLI
- 13 · *A Merula* TRADICIONAL
- 14 · *Terra Mea* J. P. POLETTI
- 15 · *Paghjella* TRADICIONAL
- 16 · *Anniversariu Di Minetta* P. B. FARINELLI
- 17 · *Dio vi Salve Regina* TRADICIONAL

1 · *E Muntagne D'Orezza*
(As montanhas de Orezza) TRADICIONAL
Canto tradicional a três vozes. Os Corsos consideram-no a primeira forma de canto. A “paghjella”, sobre seis pés (medida de altura do som) com rima é o velho fundo modal da Córsega. O acorde maior dos fins de frase tem sem dúvida origem entre os séculos XV e XVI porque o primeiro canto era a duas vozes; a terceira voz, a mais aguda, surgiu depois do século XV.

2 · *Miserere Nostri Domine* J. P. POLETTI
Adaptado da oratória *Terra Mea*, a melodia tem origem em *A Paixão de Cristo* de Sartène. A primeira *aria* é datada do século XVIII.

3 · *Leggenda* J. P. POLETTI
Quarto canto da oratória *Terra mea*, anuncia a esperança com o cânone final a quatro vozes.

4 · *Credo* J. P. POLETTI
“Pelo pão de cada dia bendito nas tuas mãos, eu creio”. Todo o Credo do futuro sobre uma harmonia vocal que vai do canto gregoriano ao canto a três vozes.

5 · *Ut Qui Deus Repulisti* J. P. POLETTI
Sobre a quinta, o canto de penitência da oratória *Terra mea*.



6 · *A Violetta* TRADICIONAL

Canto do século XV a três vozes. Conta a história de uma rapariga que não queria ir com o seu noivo para a guerra.

7 · *A Divinia Comedia* DANTE, TRADICIONAL

A Divina Comédia de Dante cantada sobre uma velha tradição modal, transmitida oralmente.

8 · *A Rota* (A roda) J. P. POLETTI

A roda da vida da oratória *Terra mea*.

Uma ode ao tempo que passa com uma música que segue o movimento da roda.

9 · *Ave Maria* J. P. POLETTI

Hino à Virgem, patrona da Córsega, composto para a oratória *Terra mea*.

10 · *Litanie Antiche*

(Litánias antigas) J. P. POLETTI

Sobre uma melodia trabalhada sob a forma de um lamento, é o mistério das estações.

11 · *O Santissima Anima* P. B. FARINELLI

Este canto, como o seguinte, tem origem no *Transitus* de São Francisco de Assis.

12 · *Voce Meam Ad Dominum* P. B. FARINELLI

Ver nota anterior.

13 · *A Merula* (O melro) TRADICIONAL

Canto festivo que se ensina às crianças para se exercitarem na dicção. Durante

a primeira guerra mundial os Corsos que estavam prisioneiros dos alemães cantavam-no nos campos. Foi aí que foi gravado pela primeira vez.

14 · *Terra Mea* J. P. POLETTI

Uma ode à terra mãe sobre uma harmonia clássica.

15 · *Paghjella* TRADICIONAL

Canto tradicional corso.

16 · *Anniversariu Di Minetta*

(O aniversário de Minetta) P. B. FARINELLI
Melodia contemporânea. Um irmão compôs este canto (a sua única composição) para a sua jovem irmã defunta no dia em que ela faria anos.

17 · *Dio vi Salve Regina* TRADICIONAL

O hino dos Corsos. É o canto de todas as procissões, de todas as manifestações. A Virgem foi proclamada patrona dos Corsos em 1735.

Jean-Paul Poletti

Autor, compositor e intérprete, Jean-Paul Poletti incarna uma vontade de granito que mergulha as suas raízes nas regiões corsas de Vénacais, pelo lado do pai, no Norte da ilha, e de Alta Rocca, no Sul, de onde é originária a sua mãe. Actualmente está fixado em Sartène, que se debruça sobre o vale de Rizzanese, se abre para o golfo de Propriano e que Mérimée citava como “a mais corsa das cidades corsas”.

Jean-Paul Poletti revela cedo a sua vocação poética. Com dez anos de idade já compõe *ritornelos* (canções populares com refrão) que canta acompanhando-se à guitarra. Seguindo o conselho de dois dos seus professores foi, até 1974, aluno das classes de direcção coral e de harmonia das célebres Scholi Cantorum de Florença e de Siena.

De volta à Córsega, Poletti vai dedicar-se a ressuscitar o riquíssimo património da ilha. Nesse processo de re-aquisição cultural (*riaquistu*, reconquista da cultura corsa) desempenhou um papel capital, por intermédio do grupo emblemático *Canta U Populu Corsu* que funda em 1974 com Pedru Guelfucci e Minicale, e de que será um dos principais cantores e compositores até 1981.

Paralelamente desenvolve uma carreira de ensino musical, primeiro no Colégio São Paulo de Ajaccio (1974), depois na Escola Nacional de Música de Bastia (1986). Dois anos mais tarde é nomeado director da Escola de Canto de Sartène, que se tornará no Centro de Arte

Polifónica da Córsega em 2000. Para Jean-Paul Poletti, o mais importante é que o povo da Córsega seja o actor principal do seu destino cultural. Desde o início que a preocupação pedagógica da Escola é dupla: preservar o património musical, mas também abrir-se a todos os géneros – popular, clássico, lírico, religioso. Em 1988, Sérgio Bartolo, Mestre de Capela em Bolonha, reactualiza uma Oratória do Século XVII, *Gesú al Sepolcro* de Giacomo Antonio Perti e pede a Jean-Paul Poletti para integrar nela uma partitura polifónica. A obra estreará no La Fenice de Veneza com enorme sucesso, seguindo em digressão. Nesse mesmo ano compôs a ópera *Théodore de Neuhoff*, personagem que foi rei da Córsega durante nove meses...

Em 1989 teve lugar a criação de *Roi de Pierre*. Pelo álbum que regista esse trabalho, Jean-Paul Poletti receberá o Grand Prix de l'Académie du Disque. No ano seguinte recebe um prémio Victoire de la Musique com o grupo Nouvelles Polyphonies Corses, com o qual fará a abertura dos Jogos Olímpicos de Albertville em 1992. A *Cantata Corsica* foi criada no Festival de Cannes em 1993 e abriu a temporada do Théâtre du Châtelet dois anos mais tarde. Esta obra permitirá a Jean-Paul Poletti tornar-se membro de honra do Royal College of Music de Londres em 1994.

Em 1999 trabalha com Yehudi Menuhin que lhe confia a elaboração de um programa de ensino musical para a Córsega, intitulado *Mus-e*. O álbum *Fiori di memoria* sai no mesmo ano, seguido do disco *Cantata Corsica* em 2000. Em 2002

a *Messa Sulenna* foi criada na Ópera de Lyon sob a direcção de John Aldis e Jean-Paul Poletti recebe a Grande Médaille de Vermeil da cidade de Paris na qualidade de compositor. Trabalha actualmente na composição de uma música para um filme de Hollywood, ao mesmo tempo que intervém nos domínios da formação musical e vocal na Ópera de Lyon.

Para além do seu trabalho como compositor, Poletti dedica-se actualmente, em grande parte, à arte polifónica, fruto da tradição oral espiritual e popular, que procura abrir utilizando as múltiplas possibilidades de orquestração e de utilização de instrumentos. Em 1995 cria o Choeur d'Hommes de Sartène, composto por sete vozes masculinas. Com este grupo inventa novos espaços musicais de forma clássica, alimentados pelo passado mas de inspiração contemporânea. Com o Coro, o sonho de inscrever a polifonia mediterrânica na história da música clássica já não é uma utopia. Depois de *Cantu di a terra*, CD de 2004, que, designadamente, foi distinguido pela revista *Le Monde de la Musique* com um *Choc*, o Coro gravou, em 2005, o álbum *Terra Mea*. Em ambos os registos o repertório é o da música religiosa polifónica corsa, na sua maioria de origem popular.

adaptação de
<http://jppoletti.artistes.universalmusic.fr>
e de <http://perso.orange.fr/sintineddi/Poletti.htm>

Coro de Sartène

O Coro de Homens de Sartène mergulha as suas raízes numa história milenar, enriquecida, desde o século XIV, pela presença franciscana. Quando a ordem fundada por São Francisco de Assis passou pela Córsega, uma comunidade de irmãos franciscanos instalou-se em Sartène e aí ficou, sem interrupção, até aos nossos dias, em dois conventos: o antigo Convento de São Francisco e o novo Convento de São Damião.

A população de Sartène tem uma ligação profunda aos seus franciscanos. Não hesitou mesmo em pegar em armas, no início do século XX para defender a presença da comunidade, ameaçada na altura da separação da Igreja e do Estado.

Até ao século XX, todos os membros da comunidade eram originários da Ilha. Mas a ausência de vocações conduziu à sua substituição por frades italianos e, hoje em dia, belgas.

A marca franciscana ressoa no canto de Sartène. Dir-se-ia que duas culturas se fundiram numa só. As investigações que Jean-Paul Poletti levou e leva a cabo, conduziram-no a reinventar uma espantosa diversidade de cantos em que se unem as polifonias corsas a 3 e 4 vozes, com o rigor franciscano. Julgava-se que os cantos estavam definitivamente perdidos, Poletti e o Coro de Sartène descobriram-nos para nós.

HENRI NICOLAI

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
DANÇA FEVEREIRO SEX 9 · SÁB 10



Fotografia: Susana Neves

Inventário de Joclécio Azevedo

Grande Auditório · 21h30 · Duração 1h10

A Culturgest associa-se uma vez mais com muito gosto a O Espaço do Tempo (Montemor-O-Novo), co-produzindo a mais recente criação de um dos coreógrafos da nova geração que mais se tem destacado nos últimos anos.

“Gosto de pensar na coreografia como uma colecção de eventos, no performer como um comissário que os selecciona, ordena e apresenta. Interessam-me os processos de apropriação, de reescrita, de exposição, de tradução, de interpretação, de produção de relações ou até mesmo de pura pirataria.

Vejo um espectáculo como um momento de crise, como um intervalo entre percursos demasiado delineados. A expectativa inicial do encontro e do acontecimento possibilita a criação de um espaço privilegiado de relação, de reformulação e de transformação.

Interessa-me explorar um corpo gestor de qualidades diversas, reversível e desequilibrado. Um corpo que comporta uma possibilidade de reconstrução da sua relação com o mundo e com o olhar do observador. Um corpo território acidentado ao qual é necessário construir acessos.”

JOCLÉCIO AZEVEDO

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos